



Lei n. 288, de 30 de Dezembro de 1949

Dá denominação a via pública nesta cidade

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "Rua Luiz Gama", a última travessa da Avenida Governador Pedro de Toledo, antes da Rua Germânia e que, tendo início nas linhas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, termina ao passar pela Rua n.º 1 da Vila Andrade Neves, no cruzamento com a Rua n.º 2.

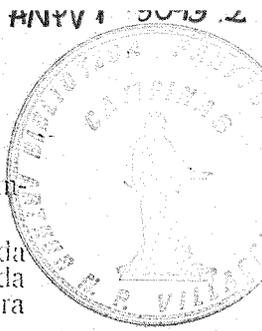
Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Faço Municipal de Campinas, aos 30 de dezembro de 1949.

MIGUEL VICENTE CURY
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 30 de dezembro de 1949.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

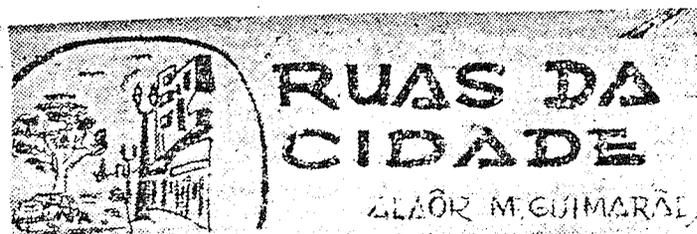
AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alieres Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMÃOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARAES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob n. 10, planta da Prefeitura); — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogiana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo. (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Tea*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogiana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGIARD, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANT'ANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberto Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alieres Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguara. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARAES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende



RUAS DA CIDADE

ALAIR M. GUIMARÃES

LUÍS GAMA

(Luís Gonzaga Pinto da Gama)

Começa na rua da Consti-
tuição e termina na rua José
Pinto de Moura, no BAIR-
RO DO BONFIM. A denomi-
nação foi dada pelo Edital de
12 de setembro de 1927 e
confirmada pela Lei n. 288,
de 30 de dezembro de 1949.
Tem 15 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS: —

Luís Gonzaga Pinto da Gama
nasceu na cidade de Salvador,
na Baía, aos 21 de junho de
1930 e faleceu em S. Paulo aos
23 de agosto de 1882. Tendo
seu pai, que fôra homem de
fortuna, perdido todos os seus
haveres no jôgo, vendeu o seu
próprio filho como escravo.
Assim, Luís Gama veio para o
Rio de Janeiro numa leva de
desgraçados como êle em 1840.
Daí, passou para Campinas,
comprado por um dos muito tra-
ficantes da época. Após uma sé-
rie de revezes conseguiu ir pa-
ra a Capital do Estado, onde
foi habitar com o estudante
de direito Antônio Rodrigues
do Prado Júnior e com quem
aprendeu as primeiras letras.

Em 1848, fugindo, sentou pra-
ça no Exército. Dando baixa,
conseguiu, no Rio, um lugar de
copista no cartório de um es-
crivão, passando, depois, a ser
amanuense do Conselheiro
Francisco Maria de Sousa Fur-
tado de Mendonça que o pro-
tegeu e permitiu obter regular
austeriação. Foi escrevente da
Policia e revisor do jornal "I-
piranga". Retornando a São
Paulo, dedicou-se à advocacia
ganhando o suficiente para li-
bertar cerca de 500 escravos.
Foi um verdadeiro paladino da
abolição e jamais perdoou a
exploração dos cativos.

Viveu pobre e morreu na
miséria. No dia do seu entêro,
segundo "Gondin da Fonseca",
o comércio de São Paulo fechou
as portas e um triste veu de lu-
to envolveu a cidade toda. Seus
funerais saíram do Brás, às 10
horas da manhã, rumando para
o Cemitério da Consolação, en-
tre prantos dos acompanhan-
tes. O préstito só chegou ao
destino às 8 horas da noite! tal
o número de acompanhantes.

A.M.G.



Luís Gama

No dia 24 de agosto de 1882 faleceu em São Paulo o abolicionista, tribuno e poeta Luis Gonzaga Pinto da Gama, nascido em Salvador a 21 de junho de 1830. Filho de uma escrava liberta e de um fidalgo de alta linhagem portuguesa, foi vendido como escravo, com apenas 10 anos de idade. Seguiu então para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo e Campinas. Os escravos procedentes da Bahia eram, porém, recusados pelos senhores da terra, receosos de que eles pudessem trazer daquela provincia, o fermento revolucionario que se vinha concretizando numa serie de insurreições. Assim, como elemento indesejavel, conquistou a sua propria liberdade, aprendendo em São Paulo o officio de sapateiro. Em seguida aprendeu a ler e conseguiu emprego num collegio e, em 1843, alistou-se nas fileiras da Força Publica, onde permaneceu durante dois anos, após ter sido promovido ao posto de cabo. Protegido pelo conselheiro Furtado de Mendonça, chefe de Policia da capital, conseguiu aperfeiçoar seus estudos e tornar-se grande orador, habil advogado. Poeta e jornalista, fundou em 1864 o jornal humoristico "O Diabo Coxo". Em 1869, estava entre os redatores de "O Radical Paulistano", com Rui Barbosa e Elói Otonio. Colaborou em outros jornais, onde escrevia, em prosa e versos, magnificas satiras humoristicas, sendo sua vida uma bandeira desfraldada em favor da liberdade dos pretos, dedicando-se à libertação dos escravos.



Gama, Luís Gonzaga Pinto da. •

Advogado, jornalista e poeta brasileiro (1830-1882). N. em Salvador (Bahia) e m. em São Paulo. Filho de Luísa Mahin, uma negra-mina, e de um homem branco da melhor sociedade baiana, foi, com 10 anos, vendido a mercadores de escravos, enviado para o Rio de Janeiro e dali para São Paulo. Cedo começou a luta pela vida e pela libertação de seus irmãos de côr. Em São Paulo obteve o documento de ilegalidade de seu cativoiro, ocultando sempre o nome do pai, que dizem ter sido quem o vendeu. Assentou praça na Fôrça Pública, mas não se deu bem com os rigores da disciplina e, após de uma prisão injusta, obteve baixa. Foi, sucessivamente, copista, amanuense e escrivão de Polícia, aprendiz-compositor, poeta satírico, jornalista, orador, advogado dos escravos e propagandista da Abolição e da República. A campanha em prol da Abolição, Luís Gama a iniciou em 1855, "tentando a única solução que a mentalidade da época consentia: a liberdade pelo resgate do preço de custo da peça". O grande lutador morreu paupérrimo, sem ver realizado seu sonho, tendo deixado apenas um nome honrado à espôsa e ao único filho, Benedito Gracco Pinto da Gama. Este foi Bacharel em Ciências Físicas e Matemática, Oficial do Corpo de Estado-Maior e comandou, por muitos anos, o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal e reformando-se em 1896. Luís Gama deixou "Primeiras Trovas Burlescas de Getulino" e muitas colaborações nas páginas do "Ipiranga" e do "Radical Paulistano".



1-Feira, 25 de Agosto de 19

Vida Cultural Luís Gama, apóstolo do abolicionismo

Três anos depois da morte de Luís Gama, ocorrida a 23 de agosto de 1882, na Pauliceia, filia Rui Barbosa, que com ele convivera longo tempo no "Radical Paulistano": "Uma das raras fortunas de minha vida é ter cultivado intimamente sua amizade, em lutas que nunca esquecerei. Um coração de anjo, a harpa eólia de todos os sofrimentos de opressão, um espírito genial, uma torrente de eloquência, de dialética e de graça, um caráter adamantino, cidadão para a Roma antiga, inaclimável no Baixo Império; personalidade de granito, aureolado de luz e povoado de abelhas do Himeto".

A vida de Luís Gama, um dos próceres do abolicionismo em nossa terra, é das mais edificantes e nela encontramos ensinamentos que não devem ser esquecidos.

Filho de uma escrava, Luíza Mahin, com um fidalgo baiano, nasceu a 21 de junho de 1830 em Salvador, na Rua do Banguala, que hoje ostenta seu nome glorioso.

Batizado na matriz de Itaparica, chamou-se Luiz Gonzaga Pinto da Gama, sobrenome provavelmente do pai, indivíduo sem escrúpulos, jogador inveterado, que o vendeu como escravo, quando o menino tinha apenas oito anos.

Deixado pelo pai a bordo do patacho "Saraiva", assim veio Luís Gama para o Rio, donde seguiu para São Paulo, numa leva de escravos.

Adquirido por um fazendeiro de Campinas, serviu ao mesmo cerca de um ano, quando foi alfabetizado. Fugiu, então, conseguindo provar mais tarde que era indêbito o seu cativeiro.

Tendo assentado praça, era cabo de esquadra quando se insurgiu contra os insultos de um oficial, sendo preso. Resolveu, depois, pedir sua baixa.

Havia sido ordenança do comandante, obtendo mais tarde os lugares de escrivão e amanuense, aperfeiçoando-se nos estudos e cultivando a poesia.

Dedicou-se à sátira e, em 1859, publicou em volume suas "Primeiras Trovas Burlescas", cuja 2.^a edição, aparecida dois anos depois, está agora completando o primeiro centenário.

Uma de suas composições intitulava-se "Quem sou eu", tornando-se popular com o nome de "Bodarrada".

Ingressando na imprensa, fundou e redigiu o "Diabo Coxo", colaborando, ainda, em vários jornais e revistas.

No "Ipiranga" e na "Radical Paulistano" entregou-se à luta contra a escravidão, aderindo também ao movimento republicano.

Dedicando-se à advocacia, foi o defensor de centenas de escravos, conseguindo-lhes a alforria e a liberdade quando acusados de crimes.

De Luís Gama contava Ezequiel Freire a seguinte anedota, referida por Alberto Faria, numa conferência que realizou em 1924, no Museu Histórico Nacional:

"Um dia estávamos no escritório de Luís Gama, aonde também viera um preto fugido apresentar pecúlio e pedir para a sua liberdade o auxílio, nunca negado, daquele outro preto de coração de ouro. Com pouco, a convite de Luís Gama, chegou o senhor do escravo, de quem era amigo.

Ao ver o seu negro: "Que mal te fiz eu? diz o senhor. Pois, não te trato como a um filho? Pois, não tens boa cama e boa mesa, roupa e dinheiro? Queres, então, deixar o cativeiro de um senhor bom, como eu, para seres infeliz em outra parte? Que te falta lá em casa? Andar fala!"

O negro, ofegante e cabisbaixo, calava-se.

"Falta-lhe, respondeu Luís Gama, dando uma palmeada de amigo no homem de sua côr, falta-lhe a liberdade de ser infeliz, onde e como queira..."

N. C.



RECADO CARIOCA

RIO, 27 — A minha insistencia em falar de Luis Gama tem uma razão. Duas razões. Ainda há pouco, transportados para o Brasil os restos da Princesa Isabel, referiram-se os papéis publicos aos heróis da Abolição mas nenhum deles mencionou o nome desse grande baiano-paulista, o pioneiro e o maior de todos. Luis Gama nasceu na Bahia, mas veio menino para São Paulo e aí se fez, aí se instruiu, aí morreu, — depois de libertar, sozinho, mais de quinhentos escravos! Acendeu a chama que outros ajudaram a transportar até 88. Ele! Foi ele! Admirando a sua figura gigante é que Castro Alves escreveu em São Paulo o "Navio Negreiro".

Alem de o esquecerem quando dos elogios à Princesa Isabel (e Luis Gama paira muito acima dela), a evocação da sua gloriosa figura não aparece no filme "Sinhá Moça", rodado em São Paulo! Pode ser? Admite-se isso? D. Maria Dezone Pacheco Fernandes enumera em seu livro José do Patrocínio, venal e troca-tintas, Joaquim Nabuco e outros, olvidando o negro de São Paulo nascido em Itaparica, negro corajoso e fulgurante, que foi com Antonio Bento o líder do movimento abolicionista no Brasil. Joaquim Nabuco tinha ciúme dele. Nunca o cita porque era senhor de engenho e Luis Gama jamais lhe perdoou a exploração dos cativos, base da sua riqueza.

Ah, São Paulo comete um crime se relegar a plano secundario o destemido lutador. Saiba a geração paulista de hoje que seus avós veneravam e amavam esse negro de alma de jaspé! Viveu pobre e morreu na miséria por amor dos nossos irmãos cativos daquele tempo. A todos socorreu. No dia do seu enterro, em 1882, o comercio paulista-no cerrou as portas e um triste véu de luto envolveu a cidade inteira. Saiu o seu feretro do Brás, às dez horas da manhã, para o cemiterio da Consolação, entre prantos gerais dos acompanhantes. Centenas de pretos ajoelhavam-se na rua soluçando de dor e difficilmente consentiam que os amigos brancos do grande tribuno segurassem nas alças do caixão. Eles o transportariam mais com a alma do que com as mãos, beijando a todo o momento o esquife, relutando em entregar à terra aquilo que já era da terra, — o involucro mortal do seu espirito. Conta Raul Pompéia que o prestito só conseguiu chegar às seis da tarde ao cemiterio, depois de oito horas ininterruptas de marcha, acompanhado pela cidade em peso.

Tamemha glorificação de ontem não pode ser esquecida pelos paulistas de hoje. A cidade cresceu e é atualmente a maior do Brasil, a mais bela do mundo. O que lhe dá magnitude não são, todavia, os arranha-céus, nem as avenidas, nem os palacetes dos ricos: é o lastro de tradição que possui, é a sua historia, é a sua alma. E dessa alma faz parte Luis Gama. — GONDIN DA FONSECA

(Recorte de publicação do jornal "Diário de S. Paulo")

que são os soberanos sacrificadores dos judeus. Havemos de chamar-lhes "capangas"? O nome é deprimente e não quadra. "A-bo-li-cio-nis-ta" é muito comprido e não exprime a função especial. Caifaz está na conta!

— "Olhe, lembra-se você do Guerra Sapateiro, um milionário que morreu no Rio? Pois, para ele todos os escritores, poetas, romancistas, historiadores, etc., eram tipógrafos. Alexandre Herculano? Que bom tipógrafo! Camilo Castelo Branco? Que tipógrafo trabalhador! Nicolau Tolentino? Que tipógrafo engraçado! Todo o esforço intelectual era trabalho de um tipógrafo. Pois bem, cá na confraria todos que contribuem com o esforço são caifazes, sumos sacerdotes e soberanos sacrificadores dos judeus... enquanto houver escravos! Eu sou o poder deliberativo: os "Caifazes" são poder executivo... pelo cacête!" — dizia êle.

Uma das classes que mais serviços prestaram aos trabalhos da abolição foram os caifazes-cocheiros de carros de praça! O trabalho de caifaz se limitou a subtrair escravos ao domínio dos Senhores, colocando-os, secretamente, em casas de abolicionista, onde ficavam ganhando o suficiente para constituir, a fim de alguns meses, um pecúlio como base da sua liberdade.

Uma ocasião certa respeitável matrona, viúva, fazendeira no Oeste, foi à Capital tratar de negócios e levou em sua companhia duas mulatas escravas. Ao desembarque, na Luz, na confusão dos passageiros, um caifaz achou meio de se apoderar de uma delas e "confiscou-a". No dia seguinte a viúva foi em companhia da outra à chefia da polícia queixar-se do furto e reclamar providências.

A Secretaria da Polícia era na rua do Carmo, num sobrado antigo; e o gabinete do chefe era numa sala da frente do pavimento superior, precedido por uma ante-sala, onde se aguardava a audiência. Nela penetraram a viúva e a escrava, enquanto um cabo de polícia ia avisar o chefe, que mandou entrar a queixosa, sendo a porta do gabinete fechada em seguida e ficando a mulata na ante-sala.

Momentos depois entrava ali um cabo e dizia-lhe que sua senhora estava abaixo e mandava chamá-la. A porta se achava um carro de praça e o cocheiro embarcou nêle a escrava, sem grande custo, e, rodou a trote largo!

Quando vimos a senhora sair do gabinete do chefe, que lhe promettera envidar todos os esforços para encontrar a escrava desaparecida na véspera, verificou que perdêra também a outra, dentro da própria repartição de polícia!

As suas queixas e reclamações respondia o cabo filosoficamente: "Olhe, "dona" isto aqui em S. Paulo não se pode fiar!... Está tudo perdido!... Vejam só que succedeu à "dona"! Agora, só botando anúncio nas "fôias"...

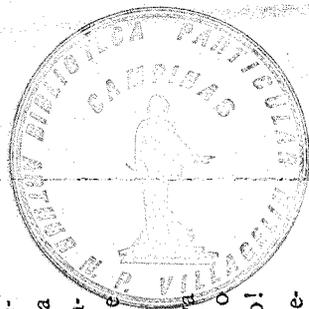
LUIZ GAMA

Não vamos, naturalmente, fazer a biografia do notável abolicionista, o inspirador da criação dos lutadores intemeratos em prol da causa do negro que se convencionaram chamar de "Caifazes". Nascêra, Gama, na Bahia, fóra escravo e tornou-se advogado pelo próprio esforço, orador dos mais eloquentes do Brasil de seu tempo, autor de dois livros de poesias, tendo falecido em 1882, quando a campanha abolicionista já se apresentava vencedora com as suas características políticas, liberticidas. Conta Leopoldo que para a nova geração, pode-se dizer, constituem novidades as notícias de episódios que seriam lembrados à propósito do 13 de Maio. A campanha do abolicionismo feita com tenacidade constante na Província de São Paulo, era dirigida por patriotas que agiam não somente nas cidades, como nos eitos das fazendas. As senzalas foram invadidas pela propaganda, por meio dos "caifazes" uma original instituição criada pelo dr. Antônio Bento, chefe do movimento na Capital.

Explicando o que significava tal qualificativo, o saudoso conterráneo Hipólito da Silva, assim se expressou, numa bela conferência realizada em S. Paulo: "Data dêsse tempo a instituição dos Caifazes. Quem eram os Caifazes? Que funções desempenhavam no abolicionismo? Eu me explico: após a morte de Luiz Gama formou-se uma espécie de comité para trabalhar pela liberdade dos escravos. A propaganda pela imprensa pouco adiantava e Antônio Bento iniciou a propaganda de fáto. Na igreja de Nossa Senhora dos Remédios, de cuja confraria era provedor, contava êle muitas dedicações de Irmãos devotados à causa da abolição e que viviam num meio mais propício à propaganda pelo fáto. Em breve êsse pessoal fidelíssimo arregimentou prosélitos, o qual foi deixando de deliberar em consêlho, absorvido pelas resoluções súbitas e práticas de Antônio Bento. Aos abolicionistas valentes e destemidos, capazes de empreendimentos ariscados, de dar ou de apanhar muita pancada, sendo preciso, êle chamava os Caifazes.

— "Por que Caifazes?" — perguntêi-lhe um dia.

— "Pois você não percebe? — Os escravocratas têm a seu serviço os capitães de mato, que são uns judeus. Os abolicionistas têm os Caifazes



Em Campinas tivemos um caifaz que para melhor exercer as suas funções, empregou-se numa fazenda, como feitor.

No oito chamava as escravos e fazia-lhes preleções, lendo para êles a fôlha abolicionista do Antônio Bento — "A Redenção".

Quando aparecia ali o dono da fazenda o caifaz virava féra para com os escravos! Esbravejava e ameaçava de castigos, exigindo mais serviços!

Um dia, porém, foi pilhado em flagrante, a prefeccionar como de costume. Apanhado, assim, de surpresa, o homem fugiu espavorido, atterrado, conseguindo escapar milagrosamente, de receber do fazendeiro a "recompensa" pelos seus trabalhos.

Esse caifaz veio depois a servir como oficial de Justiça, em cujo posto aqui morreu".

Mas, retornando à figura impressionante de Luiz Gama vamos encontrá-lo num mercado de escravos, na Capital da Província, armado, então, ao lado da Igreja dos Remédios (Hoje é o Largo 7 de Setembro).

Desde dezembro de 1840 o Alfêres Antônio Pereira Cardoso, negociante de escravos, que mais tarde ao ser preso por matá-los à fome arrebatou a cabeça com um tiro de pistola, trouxe para São Paulo num lote de cativos, um negrinho baiano, sererê como êle só. A viagem de Santos para a Capital fê-la a criança a pé, galgando a serra. Fizêra um mau negócio, no entanto, o Alfêres com a compra daquele moleque. Além de ser muito pequeno era baiano! Naquele tempo os escravos baianos sofriam clamorosa depressão de preço no mercado! Talvez influência das contínuas revoluções e intencional fracassadas de que haviam sido promotores até àquele ano, em que Luiz Gama fôra trazido para a Capital paulista. E ninguém queria comprar o demônio daquele moleque! Foi repellido em Santos, em São Paulo, em Jundiá — como "se repelem as coisas ruins" — conforme asseverou o poeta em sua autobiografia. E veio, então, dar com os costados na Vila de São Carlos, ali pelas alturas de 1842. A revolução liberal ia em pleno apogeu. E, no mercado da Vila, que se fazia nas proximidades da Matriz velha, principalmente aos domingos quando a fazendeirada vinha de seus "sítios" com suas famílias para assistir ao santo sacrifício da missa estavam o Alfêres Pereira Cardoso e sua negrada. E ali aparecêra o velho sr. Francisco Egídio de Souza Aranha, pai do futuro Marquês de Três Rios. Fôra escolher escravos na feira, para adquirir algumas boas "peças" — como às vêzes se chamavam aos cativos... Francisco Egídio chegou, olhou, mirou o negrinho de alto abaixo, vivo, esperto, serelêpe e:

— "Aqui está um bom pagem para meus meninos" — disse ao ver o infeliz. E aproximou-se dêle. Mirou-o bem, como quem conhece a medida e perguntou-lhe, à socapa:

— "De onde você é?"

— "Da... da... Bahia" — respondeu meio encaifado o pretinho. Souza Aranha recuou.

— "O que? Da Bahia? Nem de graça... nem de graça... Não foi por bom que te venderam! Isso não!"

E Luiz Gama ficou por aqui mesmo na já então "cidade" de Campinas, perdidas as esperanças de seu dono em vendê-lo. Fêz com que êle aprendesse o ofício de sapateiro, deixando-o, depois, em casa, para o serviço de copa, lavagem, goma de roupas e costuras. Mais tarde, quando o guri completou 17 anos, foi para São Paulo, quando tinha em sua companhia um outro menino: chamava-se Antônio Rodrigues do Prado Junior! E, entre os dois, estudante e o escravo, firmou-se uma amizade de irmãos diletos. Prado Júnior ensinou-lhe as primeiras letras. Anos mais tarde, Francisco Egídio de Souza Aranha recebia em seus salões aquêle "ingênuo" que regeitára um dia. Era o filho do infeliz Luiz Manim. O grande Luiz Gama, aquêle serelêpe de olhos vivos e carapinha, que fôra regeitado no velho pelourinho que se levantára na antiga Vila das Campinas de Nossa Senhora da Conceição do Mato-Grosso...

Extraído de fls. 42 a 45, do Volume 11 da "História da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito pseudônimo de João Batista de Sá Editôra Saraiva, S. Paulo, 1960.

